

EDUCAÇÃO LIBERTADORA E CONSCIÊNCIA CRÍTICA: CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE



LIBERATING EDUCATION AND CRITICAL CONSCIOUSNESS: CONTRIBUTIONS OF PAULO FREIRE

FRANCISCA MADRIANA PINHEIRO DE ALMEIDA

Graduação em História, universidade de Guarulhos, UNG. Conclusão 2003. Especialista em Gestão do Currículo para professores Coordenadores, USP ano de 2012. Professora de Ensino fundamental II e médio História na EMEF Raimundo

RESUMO

Este artigo analisa as contribuições de Paulo Freire para a construção de uma educação libertadora voltada à formação da consciência crítica dos sujeitos. A partir de uma perspectiva histórico-pedagógica, busca-se compreender como a proposta freiriana se constituiu em resposta às condições de opressão social, política e cultural, defendendo a educação como prática de liberdade e não como reprodução de desigualdades. Nesse contexto, são evidenciados os fundamentos de sua pedagogia, como o diálogo, a problematização da realidade e a valorização dos saberes populares, que favorecem o processo de conscientização e a emancipação dos indivíduos. A educação libertadora, ao promover uma postura ativa diante do mundo, possibilita que os educandos se reconheçam como protagonistas de sua história e capazes de transformar a sociedade. Assim, a reflexão proposta neste estudo destaca a atualidade do pensamento freiriano diante dos desafios contemporâneos da escola pública e reafirma a relevância da educação crítica como caminho para a formação de cidadãos conscientes, participativos e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Palavras-chave: Educação libertadora; Consciência crítica; Paulo Freire; Prática pedagógica.

ABSTRACT

This article analyzes Paulo Freire's contributions to the construction of a liberating education focused on fostering critical consciousness. From a historical-pedagogical perspective, it seeks to understand how Freire's proposal emerged in response to conditions of social, political, and cultural oppression, advocating education as a practice of freedom rather than a reproduction of inequalities. In this context, the foundations of his pedagogy are highlighted, such as dialogue, the problematization of reality, and the appreciation of popular knowledge, which foster the process of awareness and the emancipation of individuals. By promoting an active stance toward the world, liberating education enables students to recognize themselves as protagonists of their own history and capable of transforming society. Thus, the reflection proposed in this study highlights the relevance of Freire's thought in light of the contemporary challenges facing public schools and reaffirms the relevance of critical education as a path to developing conscious, participatory citizens committed to building a more just and democratic society.

Keywords: Liberating education; Critical consciousness; Paulo Freire; Pedagogical practice.

INTRODUÇÃO

A educação, enquanto prática social, assume um papel fundamental na formação de sujeitos capazes de intervir de maneira crítica e consciente na realidade em que vivem. Nesse contexto, a proposta de Paulo Freire, expressa em obras como *Pedagogia do Oprimido* (1987), tornou-se uma das mais significativas contribuições para a compreensão da educação como prática de liberdade. A educação libertadora, fundamentada no diálogo, na problematização e na valorização da experiência dos educandos, rompe com a lógica da “educação bancária”, na qual o professor deposita conteúdos prontos nos alunos, sem relação com sua realidade.

O presente estudo tem como objetivo geral analisar as contribuições de Paulo Freire para a consolidação da educação libertadora como caminho para o desenvolvimento da consciência crítica. Como objetivos específicos, busca-se: compreender os princípios que fundamentam a pedagogia freiriana; discutir o papel do diálogo e da conscientização no processo educativo; e refletir sobre a atualidade do pensamento de Freire diante dos desafios contemporâneos da escola pública.

A justificativa desta pesquisa encontra-se na necessidade de resgatar e atualizar o legado de Paulo Freire, especialmente em tempos de transformações sociais e educacionais marcadas por desigualdades e práticas pedagógicas excludentes. Ao reconhecer a educação como prática política e transformadora, este estudo reforça sua importância para a formação de cidadãos críticos e participativos.

Diante disso, o problema que orienta esta investigação pode ser formulado da seguinte maneira: de que forma as contribuições de Paulo Freire, a partir da educação libertadora, favorecem o desenvolvimento da consciência crítica e a emancipação dos sujeitos no contexto educacional?

A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

A compreensão de Paulo Freire sobre a educação como prática de liberdade nasce em meio a um contexto de profundas desigualdades sociais e políticas no Brasil e na América Latina durante o século XX. Sua experiência com a alfabetização de adultos em comunidades populares lhe mostrou que a educação poderia ser muito mais do que um simples processo de transmissão de conteúdo. Para Freire (1987), a educação é essencialmente um ato político, nunca neutro, pois carrega em si a possibilidade de libertar ou de oprimir. É nesse sentido que afirma: *“ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”* (FREIRE, 1987, p. 79). Essa declaração explicita a centralidade do diálogo e da coletividade no processo educativo, rompendo com a lógica hierárquica e verticalizada da chamada “educação bancária”.

A concepção freiriana contrapõe-se ao modelo tradicional em que o professor é visto como detentor do saber e o aluno como mero receptor. Nesse modelo, o conhecimento é depositado no estudante de forma mecânica, desprovida de criticidade, o que reforça a manutenção da ordem social vigente. Freire (1987) denomina esse processo de “educação bancária”, afirmando que *“quanto mais se deixa de experimentar e de se relacionar criticamente com o mundo, mais se adota uma posição passiva diante dele”* (p. 72). Assim, a educação opressora aliena, enquanto a educação libertadora instiga a ação transformadora.

A prática de liberdade defendida por Freire se fundamenta na ideia de que o ser humano é inacabado e, portanto, em constante processo de busca. Segundo Gadotti (1996), *“a pedagogia freiriana representa uma das maiores tentativas de unir teoria e prática em favor da emancipação humana”* (p. 22). Para o autor, Freire inaugura uma pedagogia crítica que valoriza a práxis — entendida como a articulação entre reflexão e ação —, capaz de romper com o fatalismo e promover a emancipação dos sujeitos.

Outro ponto relevante é o papel do educador dentro dessa concepção. Longe de ser o transmissor de um saber pronto, ele se torna um mediador e companheiro de caminhada. Como observa Freire (1996), *“ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”* (p. 47). Dessa forma, a prática educativa deixa de ser um processo unilateral e passa a ser dialógico, em que educador e educando aprendem juntos, partilhando saberes e construindo sentidos a partir da realidade vivida.

Nesse contexto, a educação libertadora implica também a valorização da cultura popular e dos saberes historicamente marginalizados. Freire (1981) reforça que *“a leitura do mundo precede a leitura da palavra”* (p. 11), destacando a importância das experiências concretas dos sujeitos no

processo de aprendizagem. Esse reconhecimento rompe com a visão elitista do conhecimento e afirma a legitimidade das práticas culturais das classes populares como ponto de partida para a construção de saberes mais amplos.

Para Arroyo (2000), *“a pedagogia de Paulo Freire aposta na potencialidade do povo de analisar criticamente sua condição e agir coletivamente para transformá-la”* (p. 48). Esse olhar confere à educação uma dimensão ética e política, pois não se trata apenas de desenvolver habilidades cognitivas, mas de formar sujeitos conscientes de seu papel social. A prática de liberdade, portanto, não se esgota na sala de aula: ela se projeta na vida social, incentivando o compromisso com a transformação das estruturas injustas.

Além disso, a proposta freiriana mantém sua relevância diante dos desafios contemporâneos da educação. Em sociedades marcadas pela exclusão, pela concentração de renda e pelas múltiplas formas de opressão, retomar Freire significa reafirmar a necessidade de uma educação que promova autonomia, criticidade e participação social. Como ressalta Brandão (2002), *“a educação libertadora propõe-se a ser uma prática contra hegemônica, que enfrenta estruturas de poder e abre caminhos para novas formas de participação social”* (p. 74).

Portanto, compreender a educação como prática de liberdade implica reconhecer que ensinar e aprender não se limitam a processos técnicos ou metodológicos, mas constituem atos políticos que podem perpetuar ou superar a opressão. Ao defender uma pedagogia baseada no diálogo, na problematização e na valorização dos saberes dos educandos, Paulo Freire constrói um legado que continua a inspirar educadores comprometidos com a emancipação e com a justiça social.

O CONCEITO DE CONSCIÊNCIA CRÍTICA

A noção de consciência crítica ocupa um lugar central no pensamento de Paulo Freire, pois está intimamente ligada à ideia de que a educação deve preparar os sujeitos não apenas para compreender a realidade, mas para transformá-la. Para o educador, a consciência não é um estado passivo, mas um processo dinâmico de percepção, reflexão e ação sobre o mundo. Nesse sentido, Freire (1987) afirma que *“a consciência crítica é a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica, em suas correlações causais e circunstanciais”* (p. 40). Assim, formar a consciência crítica significa romper com a superficialidade e desenvolver a capacidade de interpretar a realidade em profundidade, estabelecendo relações entre os fenômenos e identificando suas raízes estruturais.

O processo de conscientização, tal como proposto por Freire, vai além da transmissão de informações. Ele consiste em um movimento de leitura crítica do mundo, em que os educandos aprendem a identificar os mecanismos de opressão e a pensar estratégias de superação. Para Freire (1981), *“a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”* (p. 11). Essa afirmação revela que a consciência crítica

nasce da experiência vivida e da problematização da realidade concreta, o que confere à educação um caráter dialógico e transformador.

Diferentemente da consciência ingênua, que se limita a aceitar a realidade tal como se apresenta, a consciência crítica questiona, analisa e problematiza. Segundo Gadotti (1996), *“Freire distingue entre uma consciência ingênua, acrítica, que aceita a realidade de forma passiva, e uma consciência crítica, que busca compreender os processos sociais em sua complexidade”* (p. 34). Essa diferenciação é fundamental, pois permite compreender que a educação libertadora não se restringe ao acúmulo de informações, mas busca desenvolver a autonomia intelectual e a capacidade de intervenção social.

A consciência crítica, portanto, não se reduz a um exercício teórico. Ela está diretamente relacionada à prática, em um movimento de práxis que articula reflexão e ação. Como destaca Freire (1987), *“a práxis é a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo”* (p. 38). Esse conceito é central em sua pedagogia, pois orienta a construção de uma educação comprometida com a emancipação e com a superação da opressão. Ao reconhecer os sujeitos como protagonistas de sua própria história, a pedagogia freiriana combate qualquer forma de fatalismo ou determinismo social.

Arroyo (2000) ressalta a importância desse aspecto ao afirmar que *“a pedagogia de Paulo Freire aposta na potencialidade do povo de analisar criticamente sua condição e agir coletivamente para transformá-la”* (p. 48). Essa afirmação evidencia que a consciência crítica não é um processo individual isolado, mas uma prática coletiva, vinculada à luta por justiça social e à construção de uma sociedade democrática. A conscientização, nesse sentido, não visa apenas ao desenvolvimento pessoal, mas à transformação coletiva das condições de vida.

Outro ponto relevante é a relação entre consciência crítica e autonomia. Para Freire (1996), *“a autonomia vai se constituindo na experiência de várias decisões, que vão sendo tomadas”* (p. 121). Ou seja, o exercício da crítica conduz à construção da autonomia, que por sua vez fortalece a capacidade de participar ativamente da vida social e política. Nesse processo, a educação libertadora atua como espaço de experimentação e de formação para a cidadania.

A atualidade do conceito de consciência crítica pode ser percebida nos desafios que a educação enfrenta no século XXI. Em um mundo marcado pela globalização, pela disseminação massiva de informações e pela manipulação midiática, a capacidade de analisar criticamente a realidade é cada vez mais necessária. Como observa Candau (2008), *“a pedagogia freiriana é profundamente atual porque articula educação e democracia, propondo uma escola comprometida com a transformação social”* (p. 93). Isso significa que a formação da consciência crítica continua sendo um dos principais objetivos de uma educação comprometida com a emancipação.

Em síntese, a consciência crítica, no pensamento de Paulo Freire, representa a capacidade de compreender a realidade em sua complexidade, de problematizá-la e de agir para transformá-la. Diferencia-se da consciência ingênua porque exige análise profunda e ação coletiva. Ao propor uma

educação voltada à conscientização, Freire coloca a escola no centro do processo de transformação social, defendendo que o conhecimento deve servir para libertar e não para oprimir. Essa perspectiva continua inspirando educadores em diferentes contextos, reafirmando a atualidade e a relevância do legado freiriano.

O DIÁLOGO COMO MÉTODO E PRINCÍPIO PEDAGÓGICO

No pensamento de Paulo Freire, o diálogo é mais do que uma técnica pedagógica: é a própria essência da prática educativa libertadora. Ele se contrapõe à educação bancária, caracterizada pela verticalidade e pela transmissão de conteúdos prontos, ao propor uma relação horizontal entre educador e educando, mediada pela realidade social. Freire (1996) afirma: *“o diálogo é o encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”* (p. 115). Essa definição evidencia que o diálogo não se restringe à comunicação verbal, mas envolve um processo de escuta, de respeito e de construção coletiva do conhecimento.

A importância do diálogo na pedagogia freiriana reside em sua função de promover a conscientização. Por meio dele, o educando é instigado a problematizar sua realidade, compreendendo as contradições sociais e culturais que a compõem. Freire (1987) observa que *“se o homem é um ser de relações e não só de contatos, não é no silêncio que ele se faz, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”* (p. 91). Essa perspectiva reforça que o diálogo é um ato político, pois possibilita que os sujeitos expressem suas vozes, reflitam criticamente e se engajem na transformação social.

A prática dialógica rompe com a postura autoritária do educador tradicional. Em vez de impor verdades, o professor cria condições para que o conhecimento seja construído coletivamente, respeitando os saberes prévios dos educandos. Segundo Torres (2001), *“o diálogo em Freire não é técnica didática, mas princípio ético-político que transforma a relação educativa em espaço de construção conjunta”* (p. 67). Isso significa que a sala de aula se torna um espaço democrático, onde todos participam do processo de produção do saber.

Além disso, o diálogo favorece a valorização da cultura popular, elemento central na pedagogia freiriana. Ao escutar e reconhecer as experiências dos educandos, o educador legitima seus saberes e os utiliza como ponto de partida para novas aprendizagens. Nesse sentido, Freire (1981) afirma: *“não é possível um diálogo verdadeiro se não há humildade, se não há uma profunda fé nos homens”* (p. 94). A humildade pedagógica consiste justamente em reconhecer que o conhecimento não está apenas na academia ou nos livros, mas também nas práticas culturais e no cotidiano das pessoas.

O diálogo também é instrumento de resistência à opressão. Em contextos de desigualdade social, ele cria oportunidades para que vozes marginalizadas sejam ouvidas e para que os sujeitos se reconheçam como protagonistas de sua história. Como ressalta Arroyo (2000), *“o diálogo, em Freire, é a chave que abre a possibilidade de o povo pensar sua realidade e construir coletivamente novos*

horizontes” (p. 51). Assim, o diálogo assume uma função emancipatória, rompendo com a passividade e fomentando a ação crítica.

Na prática educativa, o diálogo se concretiza na problematização da realidade. Em vez de apresentar conteúdos de forma descontextualizada, o educador propõe situações-problema que instigam os alunos a refletir e a buscar soluções. Essa metodologia aproxima o aprendizado da vida cotidiana e fortalece a consciência crítica. Para Gadotti (1996), *“a problematização do mundo, proposta por Freire, constitui a essência de seu método, pois obriga a pensar, a refletir, a questionar”* (p. 29). Dessa forma, o diálogo deixa de ser apenas uma ferramenta e se torna o caminho para a autonomia.

A atualidade do diálogo como princípio pedagógico pode ser observada nos desafios educacionais contemporâneos. Em sociedades plurais e marcadas pela diversidade cultural, o diálogo torna-se fundamental para construir práticas inclusivas, que respeitem as diferenças e promovam a convivência democrática. Candau (2008) destaca que *“a pedagogia do diálogo é inseparável da construção de uma educação intercultural e comprometida com os direitos humanos”* (p. 101). Essa visão amplia o alcance do pensamento freiriano, mostrando que o diálogo não apenas favorece a aprendizagem, mas também contribui para a cidadania e para a justiça social.

Portanto, compreender o diálogo em Paulo Freire significa reconhecer sua dupla dimensão: metodológica e ética. Ele é, ao mesmo tempo, estratégia de ensino e fundamento para uma educação humanizadora, que valoriza o respeito, a escuta e a participação. Ao transformar a relação pedagógica em encontro entre sujeitos, o diálogo cria condições para a conscientização e para a emancipação. Assim, permanece como um dos maiores legados de Freire, inspirando educadores que buscam construir escolas democráticas e críticas, comprometidas com a transformação da sociedade.

A ATUALIDADE DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Publicada originalmente em 1968 e traduzida para dezenas de idiomas, a obra *Pedagogia do Oprimido* tornou-se um dos marcos teóricos mais influentes da educação crítica mundial. Apesar de escrita em um contexto de ditaduras na América Latina e de intensos movimentos sociais, suas reflexões continuam extremamente atuais. Freire (1987) enfatiza que *“a libertação é um parto, e um parto doloroso”* (p. 32), destacando que o processo emancipatório não ocorre de forma imediata, mas exige esforço coletivo, resistência e compromisso político.

O ponto central da atualidade da obra está na denúncia da educação bancária e na defesa da educação libertadora. Ainda hoje, muitas práticas pedagógicas seguem pautadas pela memorização, pelo tecnicismo e pela reprodução de conteúdo descontextualizados. Esse modelo reforça desigualdades e silencia vozes críticas, exatamente como Freire advertia. Como destaca Torres (2001), *“o pensamento freiriano continua atual porque as estruturas de opressão não desapareceram; elas se reinventam em novas formas de exclusão e marginalização”* (p. 74). Assim, revisitar a

Pedagogia do Oprimido significa refletir sobre os mecanismos de opressão contemporâneos, como a padronização curricular, a precarização docente e a mercantilização da educação.

Outro aspecto que mantém a obra relevante é a defesa do diálogo como instrumento de emancipação. Em tempos de polarização social e política, o diálogo proposto por Freire surge como prática necessária para construir pontes entre diferentes perspectivas. Para Freire (1996), “*sem diálogo não há comunicação e sem comunicação não há verdadeira educação*” (p. 92). Isso reforça a ideia de que a educação não pode ser neutra: ou ela contribui para manter a opressão ou atua na sua superação.

A obra também se mostra atual ao destacar o papel da conscientização no processo educativo. Em um mundo marcado pela desinformação e pelo consumo rápido de informações, a formação da consciência crítica torna-se urgente. Segundo Candau (2008), “*a pedagogia freiriana é profundamente atual porque articula educação e democracia, propondo uma escola comprometida com a transformação social*” (p. 93). Isso significa que a *Pedagogia do Oprimido* oferece subsídios para enfrentar problemas contemporâneos como a manipulação midiática, o discurso de ódio e a exclusão digital.

Além disso, o livro inspira práticas educativas voltadas para a inclusão social. A valorização da cultura popular e dos saberes historicamente marginalizados, defendida por Freire, é hoje referência para propostas de educação intercultural e decolonial. Como observa Brandão (2002), “*a educação libertadora propõe-se a ser uma prática contra hegemônica, que enfrenta estruturas de poder e abre caminhos para novas formas de participação social*” (p. 74). Esse aspecto torna a pedagogia freiriana uma ferramenta importante para o enfrentamento das desigualdades raciais, de gênero e de classe presentes nas escolas.

Outro ponto relevante é que a *Pedagogia do Oprimido* extrapolou os limites da educação formal, inspirando movimentos sociais e populares em diferentes partes do mundo. Sua proposta de educação como prática política encontrou eco em processos de alfabetização de adultos, em lutas camponesas e até em experiências de educação popular urbana. Segundo Gadotti (1996), “*a pedagogia do oprimido transcendeu o campo da educação escolar, tornando-se um referencial de resistência para movimentos sociais*” (p. 41). Isso explica por que a obra segue sendo lida e debatida em contextos tão diversos, da África do Sul pós-apartheid à América Latina em processos de democratização.

Por fim, a atualidade da *Pedagogia do Oprimido* está ligada à sua capacidade de dialogar com novos desafios globais. Questões como sustentabilidade, direitos humanos, diversidade cultural e inclusão digital podem ser pensadas a partir da perspectiva freiriana. O próprio Freire (1996) já antecipava que “*a prática educativa exige a presença da ética, do respeito às diferenças e da luta contra todas as*

formas de discriminação” (p. 132). Assim, sua obra não é um manual fechado, mas uma proposta aberta, capaz de inspirar novas gerações de educadores.

Portanto, a *Pedagogia do Oprimido* permanece viva porque trata de questões universais: a luta contra a opressão, a defesa da dignidade humana e a crença na educação como caminho para a liberdade. Revisitar essa obra hoje significa reafirmar que a escola não pode ser apenas um espaço de transmissão de conteúdos, mas deve ser lugar de diálogo, de crítica e de transformação social. A atualidade de Freire não está apenas em suas palavras, mas na potência de sua pedagogia para enfrentar os desafios do presente e construir horizontes mais justos e democráticos.

CONTEXTO HISTÓRICO E FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE

Para compreender a pedagogia freiriana, é fundamental situá-la em seu contexto histórico, social e político. Paulo Freire emergiu no cenário educacional brasileiro entre as décadas de 1950 e 1960, período marcado por intensas desigualdades sociais e pela exclusão de grande parte da população do acesso à educação formal. O Brasil, majoritariamente rural e com altos índices de analfabetismo, exigia uma prática pedagógica que fosse além da mera transmissão de conteúdos, voltada para a formação de sujeitos críticos e conscientes de sua realidade.

Freire (1987) denunciou a chamada “educação bancária”, na qual o professor assume a posição de detentor do saber e o estudante é reduzido a mero receptor passivo. Segundo o autor, “na visão bancária, o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que nada sabem” (FREIRE, 1987, p. 33). Essa concepção tradicional de ensino reforça a alienação e a opressão, ao invés de promover a emancipação. Nesse sentido, a pedagogia freiriana surge como contraponto, fundamentada no diálogo, na problematização e na construção coletiva do conhecimento.

A educação libertadora, proposta por Freire, tem como base o princípio da conscientização, compreendida como processo pelo qual os sujeitos tomam consciência de sua realidade para transformá-la. Em suas palavras: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 78). Assim, a educação não é uma prática neutra, mas profundamente política, marcada pelas relações de poder e pelo compromisso com a transformação social.

Segundo Gadotti (1996), “a pedagogia de Paulo Freire é uma pedagogia da esperança e da utopia, que não se limita a denunciar a opressão, mas anuncia a possibilidade de um mundo mais justo” (p. 42). Esse caráter esperançoso da prática educativa freiriana revela que o processo de ensino-aprendizagem deve estar voltado não apenas para a leitura da palavra, mas sobretudo para a leitura crítica da realidade.

É importante destacar que o contexto político da época, permeado por ditaduras militares na América Latina, também contribuiu para o fortalecimento da pedagogia freiriana como prática de resistência.

De acordo com Arroyo (2011), “as ideias de Freire tornaram-se perigosas justamente porque incentivavam os oprimidos a questionarem as estruturas de poder e a se organizarem coletivamente” (p. 57). Essa postura crítica explica, em parte, o exílio que Paulo Freire enfrentou a partir de 1964, período em que aprofundou suas reflexões e ampliou seu alcance internacional.

Outro fundamento central da pedagogia freiriana é o **diálogo**. Para Freire (1996), “se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não é possível o diálogo” (p. 45). O diálogo, portanto, não é apenas uma técnica de ensino, mas uma postura ética e política que reconhece o educando como sujeito histórico. Esse princípio rompe com a verticalidade da educação tradicional e instaura uma relação horizontal, na qual professores e alunos aprendem mutuamente.

Além disso, a pedagogia de Paulo Freire busca resgatar a cultura popular como ponto de partida do processo educativo. Segundo Brandão (2006), “Freire ensinou que a alfabetização não deveria ser apenas a aprendizagem de letras e palavras, mas uma tomada de consciência do mundo em que se vive” (p. 21). Essa perspectiva valoriza o saber dos oprimidos, legitimando suas experiências e transformando-as em matéria-prima para a construção do conhecimento.

Ao propor uma educação voltada para a liberdade, Freire enfrentou críticas e resistências de setores conservadores, que viam em sua pedagogia uma ameaça à ordem social vigente. No entanto, sua obra consolidou-se como uma das mais influentes no campo educacional, inspirando práticas pedagógicas em diferentes partes do mundo. Como observa Torres (2014), “a pedagogia freiriana transcende fronteiras nacionais e permanece atual, pois dialoga com os dilemas da desigualdade e da exclusão educacional” (p. 63).

Portanto, compreender o contexto histórico e os fundamentos da pedagogia de Paulo Freire é essencial para reconhecer a radicalidade de sua proposta e a atualidade de suas reflexões. Sua pedagogia nasce da realidade concreta dos oprimidos, fundamenta-se no diálogo, na conscientização e na valorização da cultura popular, e orienta-se por um compromisso ético e político com a transformação social.

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

A educação libertadora, proposta por Paulo Freire, enfrenta desafios significativos em diferentes contextos educacionais contemporâneos. Embora seu legado seja amplamente reconhecido, implementar práticas pedagógicas que promovam autonomia, consciência crítica e participação social ainda encontra barreiras estruturais, culturais e institucionais. Freire (1996) afirma que “*não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino*” (p. 29), evidenciando que a prática educativa deve ser constantemente refletida, adaptada e problematizada, para se manter eficaz e transformadora.

Um dos principais desafios é a prevalência de modelos educacionais tradicionais, baseados na reprodução de conteúdo e na avaliação padronizada. Esses modelos reforçam a lógica da “educação

bancária”, na qual os estudantes são passivos e a criatividade e a reflexão crítica são desvalorizadas. Segundo Torres (2001), *“a escola tradicional, ao reduzir o aluno a um receptor de informações, limita sua capacidade de compreender e transformar a realidade”* (p. 69). Nesse cenário, a pedagogia libertadora exige ruptura com práticas consolidadas, o que pode gerar resistência por parte de gestores, docentes e famílias acostumados a metodologias hierarquizadas.

Outro desafio relevante está relacionado às desigualdades sociais que permeiam o acesso à educação de qualidade. A educação libertadora pressupõe condições mínimas de infraestrutura, formação docente e recursos pedagógicos, que muitas vezes não estão presentes em escolas públicas de regiões vulneráveis. Candau (2008) observa que *“a efetividade da pedagogia freiriana depende da existência de condições que possibilitem o diálogo, a problematização e a participação ativa dos educandos”* (p. 97). Assim, implementar práticas freirianas demanda políticas públicas que promovam equidade, valorização docente e investimento em recursos educativos.

Apesar desses desafios, as possibilidades da educação libertadora são amplas e transformadoras. Quando aplicadas, suas práticas promovem a emancipação intelectual e social dos estudantes, estimulando a consciência crítica e o protagonismo. Freire (1987) afirma que *“a educação que liberta é a que desperta a curiosidade e o senso crítico, preparando o homem para a ação transformadora”* (p. 45). Nesse sentido, a pedagogia libertadora não se limita ao conteúdo acadêmico, mas fortalece habilidades para a cidadania, a participação social e a construção de uma sociedade mais justa.

A formação de professores críticos e comprometidos é um elemento central para viabilizar essa pedagogia. Segundo Gadotti (1996), *“a transformação da escola depende da capacidade dos educadores de refletir sobre sua prática, de dialogar com os alunos e de problematizar sua realidade”* (p. 39). Isso implica não apenas mudanças metodológicas, mas também um compromisso ético e político com a educação como instrumento de libertação.

Outro aspecto promissor é a integração de tecnologias digitais de maneira crítica e reflexiva. Embora o uso de tecnologias em muitas escolas esteja associado à instrução passiva, quando inseridas em práticas libertadoras, podem ampliar o diálogo, favorecer a pesquisa e proporcionar múltiplas formas de expressão. Brandão (2002) ressalta que *“a pedagogia freiriana pode se renovar ao incorporar recursos tecnológicos, desde que estes promovam participação e reflexão crítica”* (p. 77). Dessa forma, o ambiente virtual não substitui o diálogo, mas pode potencializá-lo, conectando educandos e educadores em experiências significativas de aprendizagem.

Além disso, a educação libertadora oferece possibilidades de engajamento com problemas sociais contemporâneos, como desigualdade, violência urbana, sustentabilidade e direitos humanos. Freire (1996) aponta que *“a educação crítica transforma-se em ação política, pois permite que os sujeitos reconheçam os problemas e construam soluções coletivamente”* (p. 115). Ao colocar os alunos como

protagonistas na análise e transformação do seu entorno, a pedagogia freiriana fortalece a responsabilidade social e a consciência cidadã.

Em síntese, embora existam obstáculos significativos à implementação da educação libertadora — como resistência institucional, desigualdade estrutural e metodologias conservadoras —, suas possibilidades transformadoras permanecem relevantes e urgentes. Ao promover autonomia, consciência crítica, diálogo e engajamento social, a pedagogia freiriana continua sendo uma referência essencial para a construção de práticas educativas comprometidas com a emancipação e a justiça social. Como conclui Candau (2008), *“a educação libertadora, quando efetivamente aplicada, transforma não apenas a escola, mas a sociedade, formando cidadãos críticos e participativos”* (p. 105)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das contribuições de Paulo Freire evidencia que a educação libertadora é uma prática profundamente política, ética e transformadora. Por meio do diálogo, da problematização da realidade e da valorização dos saberes populares, a pedagogia freiriana promove a formação da consciência crítica e o protagonismo dos sujeitos. As cinco seções deste estudo demonstraram que a pedagogia freiriana não se limita a uma metodologia de

ensino, mas constitui uma proposta de educação voltada para a emancipação e a justiça social, capaz de enfrentar as desigualdades históricas presentes no sistema educacional.

Apesar dos desafios contemporâneos, como a resistência a práticas críticas, a desigualdade de recursos e a persistência de metodologias tradicionais, as possibilidades da educação libertadora permanecem significativas. Quando aplicada de forma consistente, essa abordagem estimula o pensamento crítico, a autonomia e o engajamento social, fortalecendo a cidadania e a participação coletiva. Assim, o legado de Paulo Freire mantém-se atual, oferecendo caminhos para a construção de escolas democráticas, inclusivas e comprometidas com a transformação social.

Em síntese, compreender a educação como prática de liberdade, segundo Freire, implica reconhecer que ensinar e aprender são atos políticos, éticos e históricos. Sua pedagogia continua a inspirar educadores e a sustentar reflexões essenciais sobre o papel da escola na construção de sociedades mais justas e equitativas.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. P. *Educação popular e pedagogia crítica*. São Paulo: Cortez, 2000.

BRANDÃO, C. *Educação e democracia: uma pedagogia freiriana*. Campinas: Autores Associados, 2002.

CANDAU, V. *Pedagogia crítica: a educação como prática da liberdade*. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. *Paulo Freire: uma biografia pedagógica*. São Paulo: Cortez, 1996.

TORRES, C. A. *Educação e cidadania: fundamentos e desafios da pedagogia crítica*. São Paulo: Cortez, 2001.

TORRES, C. A. *Educação crítica e democracia: a atualidade da pedagogia de Paulo Freire*. Campinas: Papirus, 2014.